



CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS

GABINETE – VEREADORA DÉBORA CAMILO - PSOL

PROJETO DE LEI N° , DE 2023

**Altera denominação de
logradouro público e outras
providências;**

Art. 1º O logradouro denominado Travessa Comendador Netto passa a ser denominado Travessa Anísio José da Costa.

Art. 2º A placa indicativa deverá conter a descrição: Travessa Anísio José da Costa, angolano, quilombola, trabalhador do porto de Santos, viveu até os 110 anos.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Santos, 29 de junho de 2023.

DÉBORA CAMILO

Vereadora



CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS

GABINETE – VEREADORA DÉBORA CAMILO - PSOL

JUSTIFICATIVA

Atualmente, a travessa recebe o nome de Comendador Netto, cuja residência funcionava como armazém. No local havia uma senzala onde ficavam cativos negros escravizados, de propriedade do comerciante, que à época de sua morte, eram cerca de 217.

Nos fundos do casarão, os negros escravizados trabalhavam no embarque e desembarque das mercadorias que chegavam pelo porto. Manoel Joaquim Ferreira Netto era comerciante e construtor de imóveis comerciais e residenciais na região e atuava no comércio de africanos escravizados.

Netto construiu sua fortuna e sua fama de construtor sobre os ombros de pessoas escravizadas, que só poderiam ter a liberdade reconhecida após sua morte. Mas nem assim essas pessoas conseguiam a sonhada libertação, já que um processo judicial encabeçado por Luiz Gama precisou ser instaurado para a libertação.

A construção da História e a forma como as sociedades constroem seus heróis e suas representações públicas vêm sendo debatidas na sociedade e não podemos permanecer distantes dessas elaborações. As opções políticas que compõe a construção imagética da nossa sociedade fazem parte do nosso cotidiano e influenciam nele.

Não é por acaso que Santos vêm protagonizando casos de racismo cada vez mais aberrantes. Isso significa que estamos falhando em combater o racismo na nossa cidade e a manutenção de monumentos e homenagens exaltando



CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS

GABINETE – VEREADORA DÉBORA CAMILO - PSOL

escravocratas, racistas e outras figuras opressoras só mantém o *status quo* que ainda reproduz o racismo na nossa sociedade.

Diante disso, propomos a alteração do logradouro citado para homenagear um quilombola, homem africano, negro, que veio escravizado para o Brasil e que aqui construiu sua família e uma história de resistência, apesar das injustiças praticadas contra ele e contra todo o povo preto.

Anísio José foi capturado em Angola, trazido para o Brasil e levado para fazendas de café no interior de São Paulo. Posteriormente, foi vendido para um escravocrata da Capital e de lá teria fugido, buscando refúgio no Quilombo do Jabaquara em Santos, permanecendo neste local até o final da escravidão.

Após a abolição, Anísio José da Costa foi trabalhar como ensacador e carregador de café no Porto de Santos, onde trabalhou até os seus 108 anos de idade, falecendo em 1940 aos 110 anos.

Anísio casou pela segunda e última vez aos 90 anos de idade e teve seus sete filhos nos últimos 16 anos de vida. Uma de suas filhas, Helena Costa, ainda mora na casa que abrigou a família, na Rua da Liberdade, no bairro Embaré.

Dona Helena têm 98 anos, começou a trabalhar aos 14 anos de idade, como doméstica, trabalhando 50 anos na casa de uma mesma família.

Dona Helena conta que trabalhou tanto que não teve tempo de casar e ter seus próprios filhos, mas hoje vive rodeada de uma família carinhosa, fazendo as atividades que gosta, como caminhar e dançar.

Exemplo da importância dos nomes é o próprio nome de Helena, que foi batizada Serena, nome que ela diz que gostava mais, mas teve que ser alterado pela influência que Igreja Católica exercia na época e conspirava o nome muito pagão.



CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS

GABINETE – VEREADORA DÉBORA CAMILO - PSOL

Não podemos devolver o nome a Dona Helena, mas podemos homenagear a História de resistência dela, de sua família e todas as negras e negros que lutaram e lutam contra o racismo ao trocar o nome de uma escravocrata pelo nome de um quilombola.

A História de resistência na nossa cidade é um dos maiores exemplos de luta do nosso país, e nada mais justo que aqueles que lutaram pela liberdade e resistiram a todas essas violências sejam homenageados, para que nunca se esqueça e nunca mais aconteça.

A-4 A TRIBUNA Domingo 11 maio de 2008

HISTÓRIA. No Embaré, vivem as duas únicas filhas do ex-escravo e ensacador Anísio José da Costa, o Maninho

Inês e Helena, livres da escravidão

THIAGO MACEDO DA REDAÇÃO

A pele negra, os olhos escuros, os rostos marcados por uma vida dura. Os passos de uma são firmes, os da outra estão trôpegos, as lembranças de um tempo que era bom — apesar de tudo — ainda estão na memória. Os carnavais, a vida sem carros, sem prédios, sem violência. A imagem do pai. Um negro. Forte. Que trabalhou até os 108 anos de idade. Um negro que foi escravo, lavrador e ensacador de café. Um negro que teve seu corpo marcado a ferro quente por seu dono. Que foi preso por grilhões. Que reconstruiu a sua vida na liberdade.

Hoje, Helena da Costa está com 83 anos. Sua irmã, Inês, tem 84. As duas são as únicas filhas vivas do negro Anísio, conhecido como Maninho. Elas vivem no mesmo lugar desde que nasceram. O lugar conquistado por seu pai, quando a Rua da Liberdade, no Embaré, ainda era apenas mata. E provavelmente são as únicas filhas de escravo ainda vivas na Cidade.

As irmãs sempre trabalharam em casas de famílias. O primeiro emprego de Inês foi aos 7 anos. Nunca deixou de trabalhar. Sempre gostou de passear, conversar, namorar. "Se pudesse, namoraria até hoje". Casou-se três vezes, teve 10 filhos. Agora, sofre com problemas de saúde. Helena ainda está firme. Caminha todos os dias, criou vários filhos de outras famílias. Nunca sobrou tempo para cuidar dos seus. Não teve filhos. Não se casou.

Na face das irmãs, as marcas deixadas pela vida de batalha. Batalha que o pai travou por 110 anos. Maninho morreu em 1940, com um século e 10 anos de vida. Mas antes, aos 90 anos, se casou com dona Brasi-

Saiba mais
Escravidão no Brasil

A escravidão no Brasil durou até 13 maio de 1888, quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea. Antes disso, o movimento abolicionista havia conseguido várias conquistas. A primeira delas foi em 1850. Nesse ano, o tráfico negreiro foi extinto. Duas décadas depois, em 1871, foi declarada a Lei do Ventre Livre. Com a instituição dessa lei, os filhos de escravos que nascessem daquele momento em diante era livre. Três anos antes da abolição, em 1885, também foi aprovada a Lei dos Sexagenários. Os negros com mais de 65 anos ficaram livres. Até que em 1888 foi assinada a Lei Áurea.

Com 84 e 83 anos, Inês e Helena moram na Rua da Liberdade e guardam lembranças das histórias contadas pelo pai, que viveu 110 anos

Morreu com 110 anos, mas depois dos 90 constituiu nova família
Anísio José da Costa, o singular macombo, teve sete filhos nos últimos 10 anos de sua vida — Apontado há apenas dois anos o antigo epacador — Enviara há trinta anos de seu primeiro matrimônio

Somos sempre os primeiros a dar a notícia
Parabéns Mamãe
Uma homenagem
Dr. Caetano (Farmácia)
R. Dr. Carvalho de Mendonça, 247 cj. 54
Tel. 3233-4769 - V. Belmiro
São Vicente - R. João Evimesch, 771
Tel. 3169-2846 - Centro

LABORATÓRIO
CITELULA MATER
www.citelulamater.com.br



CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS

GABINETE – VEREADORA DÉBORA CAMILO - PSOL



Click

Na Liberdade. Inês e Helena são, provavelmente, as únicas filhas vivas do ex-escravo Anísio José da Costa. No lugar onde nasceram e moram até hoje, o Embaré, elas relembram histórias contadas pelo pai. A-4

LUIZ FERNANDO MENEZES



A-8 Cidades

A TRIBUNA
www.tribuna.com.br

Abado 21
21 de novembro de 2015

“Nascemos iguais, morremos iguais”

Esta é a lição de dona Helena, 90 anos, filha de um escravo que morreu em Santos. Sobre o racismo, ensina: “nosso sangue é o mesmo”

Transforme seu imóvel em dinheiro e continue com ele.
Tel.: 11.3226.2880
FAMÍLIA PAULISTA
www.familiaulista.com.br



DÉBORA PEDROSO
SAO PAULO
Rua Liberdade, endereço apropriado para a filha de um escravo. Em uma casa nessa via do bairro Embaré, em Santos, mora Helena da Costa, de 90 anos, descendente de negro Anísio, o Maninho.
Um homem que fez história na Cidade pela força e vitalidade. Sobreviveu aos tempos de trabalho árduo. Já livre, trabalhou até os 103 carregando sacas de café. Constituiu família e viveu até os 110 anos, deixando para a filha o pedacinho de chão que recebeu dos patrões.
Mesmo local onde A Tribuna encontrou ontem dona Helena entendendo ruínas no varal do quintal. Com um sorriso, ela faz logo abando o portão e pede que espere enquanto troca de roupa, pois quer sair bonita na foto.
Pronta para a entrevista, conta como desfrutou a vida após tantos anos de trabalho, iniciados aos sete. “Nasque tempo a gente comovava cedo, pois as pessoas diziam que iam nos batizar para não ficarmos pagãos, mas na verdade aproveitavam para levar a gente pro casa, onde trabalhávamos pra eles”.
Com o batismo deixou de se chamar Sirena, nome que ela preferia, mas a igreja considera

A casa no Embaré abrigou a vida de Helena, que aprendeu de tudo, desde cozinhar a assentar azulejo. Com orgulho, ela mostra o chão que fez
va pagão. Como trabalhadora, fez de tudo no serviço doméstico, da cozinha à manutenção. Tanto que sabe preparar comida italiana legítima, assentar azulejo e pintar parede. Mostra com orgulho o chão que fez.
Dona de uma saúde de ferro, se recusa a ir ao médico e se resente de tomar remédio para hipertensão, o único do qual faz uso. “No tempo da minha mãe, o remédio a gente encontrava na mata”, diz.

deixa de caminhar. As 4 horas leva o cachorro da sobrinha para passear. Em seguida vai a pé até a praia do Boqueirão, onde participa da ginástica japonesa Radio Taisso. Na hora de almoço, anda até o Restaurante Bom Prato, no Mercado Municipal.
Ela tem um apetite que tudo devora, inclusive alguns vilões da culinária anual. Adora batata frita, bacon, feijão e nunca teve problema de colesterol.
Não teve filhos e mora com a sobrinha Maria Lourdes Oliveira de Souza, de 67 anos, filha da irmã Inês. “Eles ensinaram a ter muito respeito ao próximo”, diz Lourdes.
RACISMO
Dona Helena nem sabia o que era o Dia da Consciência Negra, mas lembra o preconceito enfrentado na vida inteira. Uma vez foi impedida de participar de um coral religioso. Se desapontou com o catolicismo, migrando para o protestantismo, onde permaneceu até hoje.
Apesar de acreditar que coisas melhoraram para o negro, diz que o preconceito não acabou. “Nascer iguais, morremos iguais, sangue é o mesmo. Não por que tanto preconceito questiona. O racismo continua, mas nós temos que procurar viver de maneira completa”, diz Lourdes.



CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS

GABINETE – VEREADORA DÉBORA CAMILO - PSOL



anos de escravidão

ESPELHO DO PASSADO

A história de Helena Monteiro da Costa e da luta abolicionista em Santos
LUIZ MORITZ SCHWARZ
em colaboração com LUÍZ FERNANDO MENZES

No Brasil passou muitos anos sem que houvesse um movimento efetivo em favor da liberdade dos escravos. Foi na década de 1830 que surgiu o movimento abolicionista. Foi nesse período que surgiu a primeira sociedade secreta de libertação dos escravos, a Sociedade dos Amigos dos Escravos, fundada em 1832, em Santos. Ela tinha como objetivo a libertação dos escravos e a melhoria de suas condições de vida. A sociedade foi fundada por Helena Monteiro da Costa e por outros membros da comunidade. Ela atuou durante muitos anos, até a libertação dos escravos em 1850.

Helena Monteiro da Costa nasceu em Santos em 1810. Ela foi uma das primeiras mulheres a se dedicar à causa abolicionista. Ela atuou durante muitos anos, até a libertação dos escravos em 1850. Ela foi uma das fundadoras da Sociedade dos Amigos dos Escravos, fundada em 1832. Ela atuou durante muitos anos, até a libertação dos escravos em 1850.



Helena Monteiro da Costa em sua casa na Rua da Liberdade, depois dos abolicionistas, 1848

PH: 2010

Domingo 12
agosto de 2018

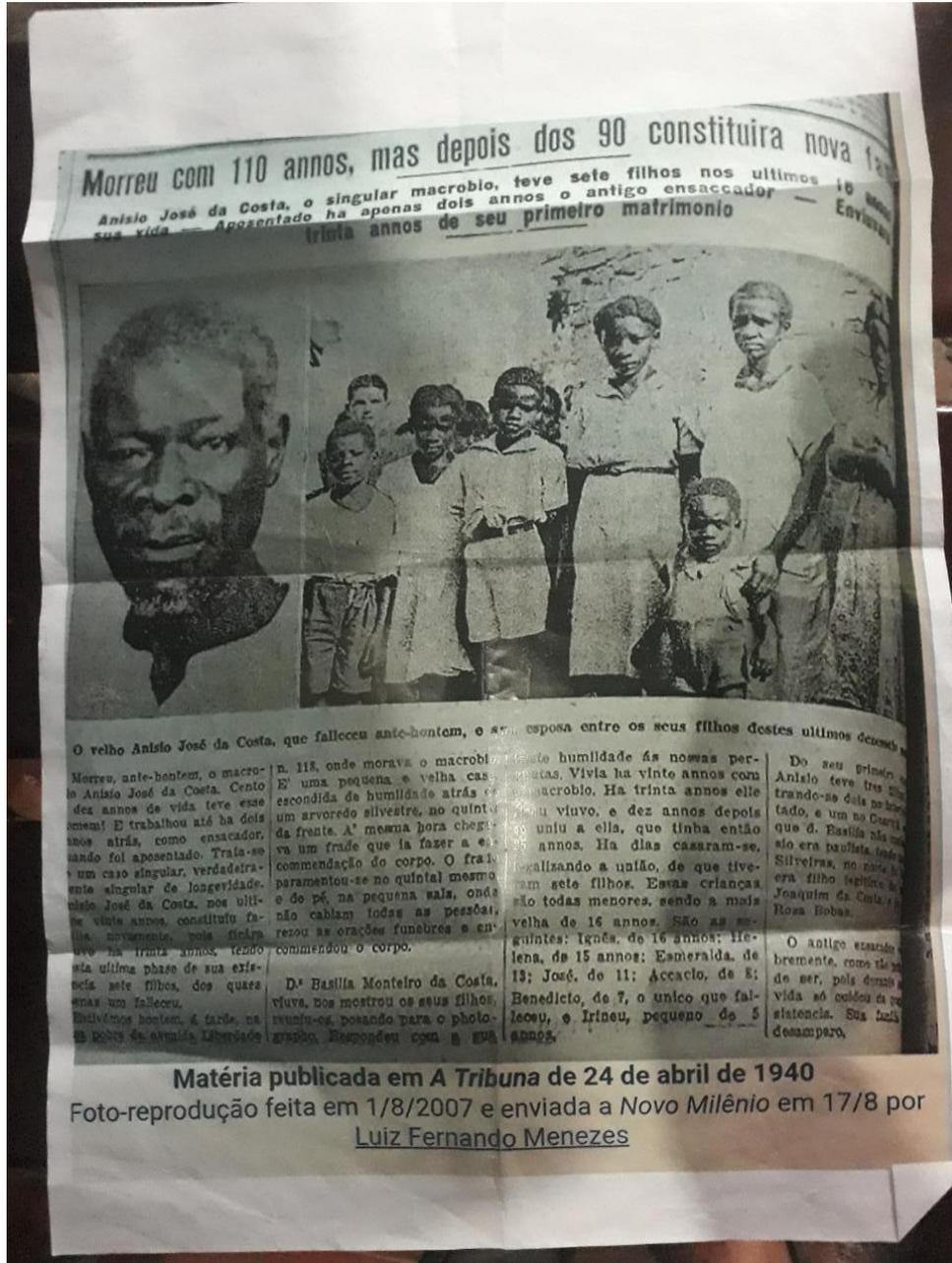
A TRIBUNA
www.atribuna.com.br





CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS

GABINETE – VEREADORA DÉBORA CAMILO - PSOL



Santos, 29 de junho de 2023.

DÉBORA CAMILO

Vereadora